

Problematizações e potência produtiva do inconsciente: o marco da concepção de esquizofrenia em *O Anti-Édipo*

Problematizations and productive power of the unconscious: the framework of the conception of schizophrenia in *Anti-Oedipus*

Problematizaciones y potencia productiva del inconsciente: el marco de la concepción de la esquizofrenia en el *Antiedipo*

Mariana Cavichioli Gomes ALMEIDA¹

Resumo: Esse artigo aborda como a problematização que funda o inconsciente se transfigura na obra de Deleuze e Guattari, *O Anti-Édipo*, sendo apresentada enquanto potência produtiva que se manifesta no processo esquizofrênico. Trata-se não de um elogio à esquizofrenia em sua forma clínica, mas de uma contraposição que visa demonstrar o motivo de a representação do complexo de Édipo ser tida pelos autores como a de um inconsciente teatral, produzido pela psicanálise. Ao enfatizar uma potência produtiva do inconsciente nesse local de quebra, em que a estrutura carece de articulação, busca-se oferecer instrumentos para se pensar como e por qual motivo as formas de produção do esquizofrênico podem, para os autores, ser adotadas como paradigma da produção desejante, bem como o porquê de, após o advento do capitalismo, processos de produção dessa natureza existirem quase sempre sem deixar de se inscreverem em aparatos institucionais de violência da vida social.

Palavras-chave: Inconsciente. Esquizofrenia. O Anti-Édipo.

Abstract: This article addresses how the problematization that founds the unconscious is transfigured in the work of Deleuze and Guattari, *The Anti-Oedipus*, being presented as a productive power that manifests itself in the schizophrenic process. It is not a compliment to schizophrenia in its clinical form, but a contrast that aims to demonstrate why the representation of the Oedipus complex is considered by the authors as a theatrical unconscious, produced by psychoanalysis. By emphasizing a productive power of the unconscious in this place of rupture, where the structure lacks articulation, we seek to offer instruments to think about how and for what reason the forms of production of the schizophrenic can, for the authors, be adopted as a paradigm of desiring production, as well as why, after the advent of capitalism, production processes of this nature almost always exist without failing to inscribe themselves in institutional apparatuses of violence in social life.

Keywords: Unconscious. Schizophrenia. *Anti-Oedipus*.

Resumen: Este artículo aborda cómo la problematización que funda el inconsciente se transfigura en la obra de Deleuze y Guattari, *El Anti-Edipo*, presentándose como una potencia productiva que se manifiesta en el proceso esquizofrénico. No se trata de un cumplido a la esquizofrenia en su forma clínica, sino de un contraste que quiere demostrar por qué la representación del complejo de Edipo es considerada por los autores como un inconsciente teatral, producido por el psicoanálisis. Al subrayar un poder productivo del inconsciente en este lugar de rotura, donde la estructura carece de articulación, buscamos ofrecer instrumentos para pensar cómo y por qué las formas de producción del esquizofrénico pueden, para los autores, ser adoptadas como paradigma de la producción deseante, así como por qué, después del advenimiento del capitalismo, casi siempre existen procesos de producción de esta naturaleza sin dejar de inscribirse en los aparatos institucionales de violencia en la vida social.

Palabras clave: inconsciente, esquizofrenia, *Anti-Édipo*

¹ Psicanalista. Mestranda em Filosofia na Universidade de São Paulo. Mestre em Direito. Bacharel em Direito e em Filosofia; e-mail: mariana.c.almeida@uol.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6710-6809>.

INTRODUÇÃO

“O inconsciente é sempre um problema”, afirmava Gilles Deleuze (2006, p. 226) em fase anterior de seu pensamento, antes do giro teórico que resultaria no projeto concluído anos depois, em parceria com Félix Guattari, com a publicação dos dois volumes da obra *Capitalismo e Esquizofrenia*. Por meio desse projeto, Deleuze e Guattari (2010) romperam com a Escola Francesa de Psicanálise, naquilo que se caracterizou uma das mudanças mais radicais nos modelos teóricos de síntese do inconsciente. Esse artigo aborda como a forma com que esse “problema” que funda o inconsciente se transfigura e é colocado em *O Anti-Édipo* enquanto uma potência produtiva que se manifesta no processo esquizofrênico. É, portanto, uma temática essencial para se compreender como a representação do complexo de Édipo é tida pelos autores como a de um inconsciente produzido teoricamente pela psicanálise e sustentar, conforme Chaim S. Katz (1991, p. 13) ressalta em sua leitura da obra que, para Deleuze e Guattari, “não há complexo de castração que organize os processos psíquicos”.

Cabe aqui indagar quais as particularidades desse modo de problematização que surge no âmbito do inconsciente como uma potência e que se consubstancia no processo de produção tido como esquizofrênico. Leituras psicanalíticas mais recentes das psicoses já trazem questionamentos com relação à esquizofrenia, se esta demonstraria a anormalidade da inscrição de investimentos pulsionais do psicótico, ou se seria justamente “o lugar onde a estrutura não pode mais de organizar” (KATZ, 1991, p. 13). Ao enfatizar uma potência produtiva do inconsciente nesse local de quebra, em que a estrutura carece de articulação, Deleuze e Guattari oferecem instrumentos para se pensar como e por qual motivo as formas de produção do esquizofrênico podem ser adotadas como paradigma da produção desejante, bem como o porquê de, após o advento do capitalismo, processos de produção dessa natureza existirem quase sempre sem deixar de se inscreverem em aparatos institucionais de violência da vida social.

DESENVOLVIMENTO

A esquizofrenia é colocada em *O Anti-Édipo* não como um enaltecimento do esquizofrênico em sua forma clínica, mas diante da constatação de que o esquizofrênico vive “a natureza do processo de produção” (KATZ, 1991, p. 13). Assim, tendo em vista o funcionamento da produção desejante e suas articulações com a produção social, os autores buscam reelaborar a forma com que as questões são sintetizadas no atual estágio do desenvolvimento do capitalismo, sistema que teria conseguido captar e fazer uso da constatação de que “o

inconsciente não levanta problema algum de sentido, mas unicamente problemas de uso” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 149). Muito embora os autores não neguem a existência do Édipo, existem problematizações que se inscrevem no inconsciente que são de outra ordem² e, portanto, a leitura de que no complexo de Édipo há algum tipo de representação que dá conta de organizar as formas de circulação do desejo no psiquismo já teria sido ultrapassada pelos nossos modelos de produção.

Deleuze e Guattari estabelecem uma identidade fundamental entre a natureza esquizofrênica e a indústria. O vocabulário maquínico utilizado pelos autores em toda obra não nos deixa esquecer que o desejo, para os autores, não é falta, mas é, de fato, uma manifestação produtiva. Mais do que uma mera produção, os autores evidenciam as críticas a uma independência que seria sustentada entre as esferas de produção, distribuição e circulação, chegando à conclusão, na linha de análise marxista da indústria, de que “a produção é imediatamente consumo e registro, o registro e o consumo determinam diretamente a produção, mas a determinam no seio da própria produção” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 14). Esta interação entre fatores é fundamental para se compreender em que sentido a esquizofrenia e as sínteses que ocorrem para a produção da realidade são elementos centrais em *O Anti-Édipo*: “a esquizofrenia é o universo das máquinas desejantes produtoras e reprodutoras, a universal produção primária como ‘realidade essencial do homem e da natureza’” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16).

Para dar conta desse processo de produção, as máquinas desejantes funcionam necessariamente acopladas umas as outras, em séries binárias e lineares, ou seja, tais máquinas só podem ser entendidas enquanto o próprio encontro e a transmissão de fluxos que ocorrem entre elas. Estas máquinas efetuam o corte e a extração de fluxos contínuos, sendo que o desejo não remeteria ao modo com que as máquinas desejantes projetam e, a partir de então, se relacionam com algo que lhes falta e que desejam obter, mas, ao contrário, o desejo seria o responsável pela junção e disjunção desses fluxos: o “desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, flui e corta” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16).

² Sobre este ponto específico, cita-se Deleuze e Guattari “Não negamos que haja uma sexualidade edipiana, uma heterossexualidade e uma homossexualidade edipianas, uma castração edipiana — e objetos completos, imagens globais, eus específicos. O que negamos é que sejam produções do inconsciente. Mais ainda, a castração e a edipianização engendram uma ilusão fundamental que nos leva a acreditar que a produção desejante real é dependente das mais altas formações que a integram e que a submetem a leis transcendentais, obrigando-a a servir uma produção social e cultural superior”. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 103).

A síntese conectiva seleciona fluxos contínuos de realidade, através de um sistema de emissão e de corte de fluxos que transforma toda máquina em “máquina de máquina”. As máquinas desejanter, as disjunções e conjunções trabalham com objetos parciais, com códigos fluidos e com passagens intensivas que descartam pressupostos como os de identidade fixa, ensejando a reunião então de fragmentos e diferenças.

Deleuze e Guattari estão cientes de que a positividade do desejo – desejo como produção – aproxima aquilo que é libidinal daquilo que é social, colocando ambos como parte de um mesmo processo. Os autores estão, portanto, atentos às transições entre os diferentes modelos econômicos das sociedades, na medida em que colocam a produção social e a produção desejanter como regimes imanentes, a partir de um conceito de inconsciente como processo de subjetivação que se estabelece em conexão com a exterioridade.

Na verdade, a produção social é unicamente a própria produção desejanter em condições determinadas. Dizemos que o campo social é imediatamente percorrido pelo desejo, que é o seu produto historicamente determinado, e que a libido não tem necessidade de mediação ou sublimação alguma, de operação psíquica alguma, e de transformação alguma, para investir as forças produtivas e as relações de produção (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 46).

Nesse sentido, por meio do conceito de máquinas sociais, será possível estabelecer vínculos de sexualidade e de investimento libidinal entre as máquinas desejanter que não as subordinam a uma indispensável representação edipiana, sendo tais máquinas investidas de libido por si mesmas, mas a partir do modo de produção histórico-social. Esta sistemática tem como consequência uma forma bem particular problematizar o desejo, pois se permite aqui direcionar os questionamentos para o uso e o funcionamento das máquinas desejanter, sem buscar um sentido tido como mítico ou teatral para esse uso e sem negligenciar o campo social. A atenção estará voltada, portanto, à maneira como tais máquinas “investem e subdeterminam as máquinas sociais que elas constituem em grande escala. Atinge-se então as regiões de um inconsciente produtivo, molecular, micrológico ou microfísico, que nada quer dizer e nada representa” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 242). Para Deleuze e Guattari, ao mesmo tempo em que as máquinas desejanter “não querem dizer nada”, elas “nunca existem independentemente dos conjuntos molares históricos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 243).

Nas sociedades pré-capitalistas, as máquinas sociais (“territorial primitiva” e “bárbara despótica”) buscavam a codificação do desejo, atribuindo significados funcionais aos códigos. O sistema capitalista seria um modelo no qual as descodificações e desterritorializações atribuídas à natureza do processo de produção das máquinas desejanter – regime molecular do inconsciente – coincidem com mecanismo que surge com o advento de sua máquina social – o capital – em sua capacidade de agenciamento, permutação e circulação de fluxos dessa mesma natureza.

Contudo, essa inscrição no âmbito da máquina social capitalista exigiria uma codificação específica que ocorre na esfera denominada pelos autores como inconsciente molar.

É importante enfatizar que, nessa aproximação entre o capitalismo e a esquizofrenia em *O Anti-Édipo*, algumas interlocuções entre produção desejante e produção social referem-se ao elemento que permite e realiza o agenciamento e circulação de tais fluxos descodificados por meio da permutação de códigos. Apesar de haver algumas diferenças destacadas mais adiante, o elemento é tratado como “análogo” em ambos esses processos, consiste naquilo tido pelos autores como seu motor imóvel, isto é, o corpo pleno sem órgãos e o *socius* que, no capitalismo, é o capital. O corpo sem órgãos, diante da produção, destacamento e corte de fluxos, realiza a inscrição e permutação de diferenças enquanto tais, por meio da síntese disjuntiva de registro. Nesse sentido, o fundamento consiste naquele que subverte a organização das máquinas desejantes, marcada por fluxos desorganizados.

O corpo pleno sem órgãos é associado por Deleuze e Guattari a uma dimensão improdutiva, uma parada, que pode ser quase confundida com um desligar das fábricas, este momento em que “os autômatos param e deixam sobressair a massa inorgânica que articulam” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 20). No âmbito da produção desejante, essa parada é caracterizada pelos autores como o próprio “instinto de morte” e, portanto, frisa-se sua incansável busca por um modelo (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 20). A rápida passagem de *O Anti-Édipo* em que os autores definem o papel do instinto de morte é importante para compreender a partir de quais questionamentos tornar-se-á possível pensar a imantação de fluxos de fuga. Nesse primeiro momento, contudo, o tratamento que Deleuze e Guattari dão ao corpo pleno da morte, é limitado: sua interlocução com a *working machine* é tida como uma abstração e grande parte de *O Anti-Édipo* busca cumprir a função de demonstrar como, de fato, a síntese conectiva de objetos parciais dá conta de acoplar o produzir-produto (terceiro termo na série linear) a esse elemento antiprodução que contém nele próprio os desdobramento das duas outras sínteses no campo de produção do cruzamento de fluxos e em sua circulação.

Assim, Deleuze e Guattari debruçam-se sobre o que seria essa parada improdutiva na produção social, enquanto dotada de um corpo que é antiprodutivo, mas que se apropria das forças produtivas por meio da inscrição de diferenças em uma superfície deslizante. Conforme exposto, tratar aqui da produção social de forma alguma seria uma abordagem parcial, já que “não há máquinas desejantes que existam fora das máquinas sociais que elas formam em grande escala, nem máquinas sociais sem as desejantes que as povoam em pequena escala” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 356). Com relação às máquinas sociais, esse elemento antiprodução aparece como *socius* que pode consubstanciar-se de forma diversa, caracterizando os três tipos de

máquinas sociais apresentadas pelos autores: a “territorial primitiva”, a “bárbara despótica” ou ainda a “capitalista civilizada”. No caso, “o *socius* como corpo pleno forma uma superfície na qual toda a produção se registra e parece emanar da superfície de registro”(DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 22).

Com o aparecimento do capitalismo, surgiria “a única máquina social que se construiu sobre fluxos descodificados, substituindo os códigos intrínsecos por uma axiomática das quantidades abstratas em forma de moeda” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 143). O papel do dinheiro e o uso do capital são colocados em posição de destaque por Deleuze e Guattari, que diversas vezes utilizam o termo “delírio” para descrever esse registro que se mostra como uma consciência verdadeira de um movimento que, apesar de ser falso, exara uma dimensão objetiva diante de um “mundo perverso enfeitado”. Nas palavras de Deleuze e Guattari, “é objetivamente que tudo parece produzido pelo capital enquanto quase-causa” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 22).

Este elemento permite que, de forma análoga a como ocorre na manifestação produtiva do inconsciente esquizofrênico, os mecanismos de valorização de capital possibilitem algumas passagens de fluxos desterritorizados e descodificados do desejo na máquina social capitalista. No entanto, não obstante as relações que existem entre elas, a máquina capitalista guarda como distinção das máquinas desejanter o risco constante de que os fluxos fujam de seu controle, que a reterritorização não seja possível no âmbito da lógica produtiva do *socius*. Deve-se ter em mente que, segundo Deleuze e Guattari, “as máquinas desejanter não param de se desarranjar enquanto funcionam, e só funcionam desarranjadas: o produzir se enxerta sempre no produto, e as peças da máquina também são o combustível” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 49). Uma vez que as máquinas desejanter têm seu funcionamento subordinado a formações molares que as determinam e, no regime molecular do inconsciente, ao contrário, há uma infinidade de fluxos em fuga, há uma tensão constante entre os regimes do inconsciente. A forma com que esse conflito ocorre, por sua vez, é colocada como uma questão fundamental do inconsciente em *O Anti-Édipo*.

Há ainda outra diferença entre o *socius* e o corpo pleno sem órgãos. Apesar de serem considerados análogos no que diz respeito a ambos serem uma dimensão de uma parada improdutiva, existem diferenças significativas também na forma com que esse elemento antiprodução é produzido. Aqui o papel do instinto de morte é colocado por Deleuze e Guattari como essencial para determinar que o corpo pleno sem órgão das máquinas desejanter é um “resultado interno” e não uma “condição extrínseca de reprodução do processo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 50), como no caso das máquinas que remetem ao *socius*. Portanto, conforme

os autores, as máquinas desejanter produzem sua própria antiprodução. “é que as máquinas desejanter são a categoria fundamental da economia do desejo, produzem por si mesmas um corpo pleno sem órgãos, e não distinguem os agentes das suas próprias peças, nem as relações de produção das suas próprias relações, nem a socialidade da tecnicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 50).

Da exposição acima, nota-se que o corpo sem órgãos, elemento antiprodução na concepção de Deleuze e Guattari, está desprovido de qualquer negatividade enquanto representação estruturante da circulação do desejo, sendo que o desejo não corresponde então à “‘essência da falta’ que produz o objeto fantasmático” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 42) como seria a abordagem da psicanálise tão criticada pelos autores. Defende-se justamente o contrário: a associação de máquinas desejanter possui um regime mecânico cujas multiplicidades podem ser tomadas de acordo com o estilo esquizofrênico próprio aos fluxos que constituem o inconsciente molecular, isto é, com aquilo tido na psicanálise como o distúrbio da série que caracterizaria o seu aspecto patológico.

Em outras palavras, alguns aspectos da constituição de problemáticas do inconsciente nessa manifestação de produção das máquinas desejanter utilizam-se de como a esquizofrenia se coloca em contraposição ao complexo de Édipo enquanto unidade representativa organizadora dos investimentos libidinais no neurótico. Nesse sentido, a partir da mudança do paradigma da estrutura psíquica, os autores refutam a possibilidade de um complexo de castração que dê conta de organizar todos os processos do inconsciente. Ademais, a partir dessa ruptura, Deleuze e Guattari realçam o processo produtivo e materialista das formas de síntese do inconsciente no esquizofrênico como fundamental para se compreender a inserção dos indivíduos no sistema capitalista.

Em momento anterior ao projeto Capitalismo e Esquizofrenia, quando Deleuze ainda estava mais próximo da abordagem lacaniana, o autor pontua como é a partir de uma categoria objetiva que o estruturalismo apreende um “campo problemático” na estrutura serial. Segundo o autor, “se a estrutura define um campo problemático, um campo de problemas, é no sentido em que a natureza do problema revela sua objetividade própria nesta constituição serial” (DELEUZE, 2006, p. 228). Em uma breve introdução sobre o campo das neuroses à luz do estruturalismo, as problematizações do inconsciente e seus desdobramentos no campo psicanalítico teriam como fundamental a forma com que esse problema se constitui dentro do registro simbólico. Assim, o autor apontava que no estruturalismo

[...] problemas e questões não designam um momento provisório e subjetivo na elaboração de nosso saber, mas, ao contrário, uma categoria perfeitamente objetiva, ‘objetidades’ plenas e inteiras que são as da

estrutura. O inconsciente estrutural é ao mesmo tempo diferencial, problematizante, questionante. Enfim, como veremos, ele é serial (DELEUZE, 2006, p. 227).

Para a psicanálise, a concepção serialista do registro simbólico parte da constatação de que se busca no falo simbólico (e em uma falta de identidade que lhe é atribuída) o elemento que traduziria esse campo problemático e lhe atribuiria seu caráter móvel – o circuito do desejo e o deslizamento na cadeia significante. Não aprofundaremos a distinção que Jacques Lacan realiza no *Seminário 5, As formações do Inconsciente* entre falo imaginário e falo simbólico, mas vale destacar que Deleuze estava avisado da dificuldade de uma crítica ao Complexo de Édipo e ao falocentrismo que não desconsiderasse as contribuições da linguística na teoria lacaniana. Estava avisado, portanto, de que o falo simbólico é colocado como um ponto vazio da estrutura, conforme Deleuze (2006, p. 234):

O falo, evidentemente, não é a última resposta. É mesmo, antes, o lugar de uma questão, de uma ‘pergunta’ que caracteriza a casa vazia da estrutura sexual. As questões como as respostas variam segundo a estrutura considerada, mas nunca dependem de nossas preferências, nem de uma ordem de causalidade abstrata.

Deleuze e Guattari terão que considerar a complexidade dos operadores da clínica lacaniana, em que essa questão será trabalhada principalmente no âmbito do inconsciente estruturado como linguagem, pois, como afirma Serge Leclair (1991, p. 94) “nada tem maior parentesco do que a vida psíquica e a vida da língua, no sentido saussuriano do termo”. Como que em *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari buscam contornar as dificuldades da abordagem significante de Lacan? Ou melhor: como os autores se empenham em demonstrar que nem mesmo esse falo simbólico e a forma que a função paterna articula o desejo à lei no âmbito do inconsciente estruturado como linguagem dariam conta de explicar a circulação da produção desejanse? Ressalta-se como os próprios autores colocam explicitamente essa preocupação:

Nossa crítica precedente a Édipo corre o risco, portanto, de ser julgada totalmente superficial e mesquinha, como se ela se aplicasse apenas a um Édipo imaginário e incidisse sobre o papel das figuras parentais, sem afetar em nada a estrutura e sua ordem de lugares e funções simbólicas. Para nós, todavia, o problema é saber se a diferença passa precisamente por aí (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 74-75).

Também na abordagem das máquinas desejanse haveria um grau de objetividade do campo do problemático. No entanto, trata-se de uma crítica que se direciona à questão de uma representação fantasmática que seria atribuída ao inarticulável da estrutura pela psicanálise, crítica que só se torna possível em articulação com as máquinas sociais. Nesse sentido, Deleuze e Guattari também atribuem ao *socius* uma dimensão objetiva enquanto campo de problema, que pode adquirir diversas formas. Na máquina territorial primitiva, a terra é a “superfície sobre a qual se inscreve todo o processo da produção, sobre a qual são registrados os objetos, os meios

e as forças de trabalho, sobre a qual se distribuem os agentes e os produtos. Ela aparece aqui como quase-causa da produção e objeto do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 187). Já com relação à máquina social bárbara despótica, Deleuze e Guattari a aproximam do estilo neurótico de produção, com aquilo que seria o “corpo fantasmático” encarnado na figura do déspota soberano, o qual se encarrega de uma sobrecodificação dos fluxos a partir de uma triangulação a que toda cadeia significante ficaria condicionada.

Tudo se passa como se a cadeia dita significante... fosse objeto de um tratamento especial, de um esmagamento que dela extraísse um objeto destacado, o significante despótico a cuja lei, a partir de então, toda a cadeia parece estar presa, com todos os elos triangulados. Emprega-se aí um curioso paralogismo que implica um uso transcendente das sínteses do inconsciente: passa-se dos objetos parciais destacáveis ao objeto completo destacado, do qual derivam as pessoas globais por atribuição de falta (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 102).

Na máquina social do capitalismo, essa problematização já tem uma forma muito peculiar, que permite pontos de conexão com o modelo esquizofrênico, isto é, uma sistemática que estaria fora da constituição serial organizada por códigos e leis e pela tão criticada representação fantasmática neurotizante que lhe atribuiria um sentido. Há a “descodificação” e a “axiomatização” dos fluxos desejantes que são inscritos na dinâmica molecular do inconsciente, mas, ao mesmo tempo, verifica-se a possibilidade de conexões e as inscrições de fluxo em concreções molares do campo social. Conforme exposto, isso ocorre por meio de sínteses disjuntivas e a síntese conectiva daria conta da correspondência produzir-produto. No caso da máquina capitalista, enfatiza-se que apesar de a inscrição do verdadeiro ocorrer em uma superfície deslizante, no *socius*, que seria da ordem do “delírio” (comportamento reificado dos indivíduos), os autores reconhecem um grau de objetividade fundamental nessa convergência do comportamento social e, ainda, afastada de uma projeção fantasmática, para ser consubstanciada enquanto manifestação produtiva mais ampla.

Nas palavras de Deleuze em seu texto sobre o estruturalismo (fase anterior ao Capitalismo e Esquizofrenia), são denominados como “acidentes da estrutura” os dois tipos de falhas que parecem acompanhar a comunicação do indivíduo psicótico:

Poderíamos ainda dizer, em termos linguísticos, ou que o ‘significante’ desapareceu, que a onda do significado não encontra mais elemento significante que o meça, ou que o significado desvaneceu-se, que a onda do significante não encontra mais significado que a percorra: os dois aspectos patológicos da psicose (DELEUZE, 2006, p. 237).

Fora desses ditos acidentes, isto é, quando não se está diante da linguagem delirante do psicótico, “nada é mais contingente e relativo que a palavra, o mesmo signo muda a todo instante de valor e significação segundo o contexto que o suporta” (LECLAIRE, 1991, p. 90). Encontra-se

aqui uma chave de análise e intervenção clínica, haja vista que a “perturbação ao nível das relações entre os signos é evidente na observação das neuroses: curtos-circuitos, relações privilegiadas, relações interditas”. Por outro lado, no caso daquilo que Serge Leclaire (1991, p. 103) denomina como “distúrbios da série mais puramente esquizofrênica” o signo, que teria como “natureza própria” “juntar o significante ao significado” tendo em vista a ausência de outros signos a que ele remete, estaria desviado dessa sua função.

o signo, assim amputado de qualquer ligação estável com um significante, introduz o valor próprio do significado, isto é, o valor próprio do ou dos conceitos em qualquer forma que invista. Qualquer palavra, qualquer coisa, qualquer sonho torna-se significante de um conceito sem nome (LECLAIRE, 1991, p. 103).

Vale mencionar que a partir de um desvio necessário na comunicação entre o “sujeito” e o “outro” que surge a possibilidade de formulação racional da comunicação, a partir do estabelecimento do mundo imaginário entre o “eu do sujeito” e o “eu do outro”. Desse modo, Serge Leclaire sintetiza muito bem ao mencionar que “não há dúvida de que fora do mundo psicótico a relação nunca se estabelece realmente entre *dois*, mas entre *três* sujeitos; é a alma do complexo de Édipo e o fundamento racional da relação de mesmo nome” (LECLAIRE, 1991, p. 107).

Na psicanalítica lacaniana, a deficiência do psicótico no uso dessas funções estaria relacionada a uma falha da subjetivação do sujeito no âmbito do complexo de Édipo, a forclusão do Nome do Pai. Vale reiterar que, em que pese não se tratar aqui de um elogio ao indivíduo esquizofrênico na concepção da clínica, é a partir do modo com que ocorrem os processos esquizofrênicos que Deleuze e Guattari desenham uma teoria na qual a organização pulsional indivíduo não se apresenta como forma de expressão de uma unidade, bem como não remete sucessivamente a uma ausência que funda a circulação do desejo.

No campo neurótico, Lacan parte da concepção freudiana de que “há algo anterior aos processos de socialização, algo que não é ainda um Eu, mas um corpo libidinal polimorfo e inconsistente” (SAFATLE, 2009, p. 18). Este estágio anterior seria ultrapassado pela gênese do Eu, que ocorreria em um período determinado da vida humana, denominado “estádio/estágio do espelho”, no qual processos de internalização de uma imagem ideal, processos estes que envolvem questões complexas de culpa e repressão libidinal, possibilitam a socialização e a individuação nos primeiros ambientes em que se dão as relações (que corresponde, muitas vezes, ao ambiente o familiar).

Piera Aulagnier coloca que, no campo das neuroses, o indivíduo situa-se como dotado de uma história e parte de um mito familiar, como um “herdeiro significante” de um lugar que será

por ele ocupado, mas que historicamente o precede. O discurso que estabelece o nome pelo qual o indivíduo será chamado é o ponto ao qual se estará “acorrentada a sua subjetividade”.

[...] este mito familiar, cuja importância pode ser demonstrada, pelo lugar que ele ocupará no fantasma fundamental, lhe confere, na tragicomédia de sua vida, um papel que determina, antecipadamente, as réplicas dos parceiros. Ora, são estas 'réplicas do Outro', este discurso que começa por ser dirigido não a ele, mas para o personagem que ele encarna na cena familiar, que o constituirão como sujeito (AULAGNIER, 1991, p. 54).

Vladimir Safatle resume de forma muito clara a importância que o estágio de gênese do Eu assume na abordagem lacaniana, já que “a verdadeira função do Eu não está ligada à síntese psíquica ou à síntese de representações, mas ao desconhecimento de sua própria gênese e à projeção de esquemas mentais no mundo” (SAFATLE, 2009, p. 30). De acordo com esse mesmo entendimento, em que pese a ocupação desse lugar no plano relacional nesse começo ser tida como “alienante por definição”, Piera Aulagnier a considera como “primeira condição a toda possibilidade para o sujeito poder, por sua vez, aí se inserir [na cadeia de significante], a fim de se reconhecer outra coisa que não apenas um simples acidente biológico” (AULAGNIER, 1991, p. 54). No campo clínico das psicoses, a autora levanta a hipótese de delírios frequentes relacionados a uma “pré-história mítica” e às “origens do mundo” representarem essa impossibilidade do psicótico em se inserir no lugar de uma cadeia significante.

Verifica-se aqui uma boa introdução para se trabalhar o que seria a genealogia esquizofrênica e a abordagem de Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo* parece ter como essencial essa disfunção do esquizofrênico em se enquadrar como um “herdeiro significante”. Os autores trabalham a genealogia esquizofrênica como aquela que mais se aproxima da produção desejante, sendo que esta, conforme foi exposto, seria binária e linear. O corpo sem órgão consiste no “testemunho” de sua autoprodução enquanto elemento antiprodução e, portanto, a transcrição que nele se dá a partir da síntese disjuntiva de registro seria incompatível com uma projeção a um terceiro termo, no modelo de triangulação parental como aquele que teria sido “implantado” pelo Édipo. Os autores questionam se o Édipo não seria “uma exigência ou uma consequência da reprodução social, enquanto esta pretende domesticar uma matéria e uma forma genealógicas que lhe escapam por todos os lados” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 27). Nesse sentido, o esquizofrênico seria aquele que escapa dessa sistemática:

O esquizo dispõe de modos de marcação que lhe são próprios, pois, primeiramente, dispõe de um código de registro particular que não coincide como o código social ou que só coincide com ele a fim de parodiá-lo. O código delirante, o código desejante apresenta uma fluidez extraordinária. Dir-se-ia que o esquizofrênico passa de um código a outro, que ele embaralha todos os códigos, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, não invocando a mesma genealogia (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 29).

Com relação às máquinas desejantes, a sua aproximação com a esquizofrenia estabelece-se com o encontro dos fluxos em nível do inconsciente molecular, que ocorrem de forma descodificada e desorganizada muito embora neste caso, conforme mencionado, exista quase sempre uma forma de experiência dessas máquinas em que é possível a inscrição dessas diferenças, a partir da superfície do corpo sem órgãos, que permite que essa forma descodificada e desordenada não ocorra como uma perda completa de qualquer capacidade de apreensão da consciência (como pode ocorrer na esquizofrenia clínica). Do trecho citado acima, extrai-se a necessidade de possibilitar também uma superfície de registro que não seja rigorosamente pautada pelo código social. E é nesse sentido que as máquinas desejantes dizem respeito a uma multiplicidade do inconsciente e o complexo de castração do Édipo é rejeitado como modo único e estruturado de definições de papéis, assim como outras teorias que remetem a produção inconsciente a um elemento simbólico.

Operando com nuances do que poderia ser uma perspectiva bem interessante para esta abordagem, Piera Aulagnier, após apresentar diversos fragmentos da fala de um paciente esquizofrênico que ilustrariam sua relação angustiante com o “ego especular” expõe a uma curiosa impressão: “assisto sempre com a imensa surpresa ao surgimento, no discurso do psicótico, de uma espécie de última verdade, inacessível aos outros humanos, talvez porque seja incompatível com o engodo que nos permite viver” (AULAGNIER, 1991, p. 73). Importante destacar o termo utilizado, um “engodo”³, que impediria o acesso de “outros humanos”, isto é, dos neuróticos, a uma dimensão verdadeira, que, no entanto, não é pontuada de maneira aprofundada pela autora nessa oportunidade.

Para Deleuze e Guattari, esse engodo poderia estar associado ao estreitamento que se constitui pela fórmula neurótica do complexo de Édipo. Como já mencionado, diversas são as críticas disparadas pelos autores à tentativa de reestabelecimento do indivíduo dentro da fórmula “papai-mamãe-eu” e de devolução de um eu neurótico ao esquizofrênico. Os autores pretendem novamente contrapor aquilo que eles têm como teatro familiar concebido pela Psicanálise à noção de fábrica, renovando os votos, portanto, de um elemento importantíssimo em sua abordagem do desejo: a produtividade. Esta consiste em condição essencial para uma psiquiatria “verdadeiramente materialista”, que, segundo Deleuze e Guattari, deve ser definida “por uma dupla operação: introduzir o desejo no mecanismo e introduzir a produção no desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 38 e 39).

³ Segundo a tradução de Alba Senna do texto de Piera Aulagnier (1991, p. 73).

Com relação às leituras psicanalíticas que tem como ponto em comum “reportar o problema da esquizofrenia ao eu, por intermédio da ‘imagem do corpo’” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 39), Deleuze e Guattari reconhecem essa impossibilidade de inserção do esquizofrênico no âmbito de uma enunciação situada no complexo de Édipo, no entanto reconhecem também, a partir dessa impossibilidade, uma patente dimensão de verdade do indivíduo esquizofrênico.

Ele [o esquizofrênico] está além, atrás, sob, alhures, mas não nesses problemas. E ali onde quer que esteja, há problemas, sofrimentos insuperáveis, misérias insuportáveis, mas por que querer reconduzi-lo àquilo de que já saiu, recolocá-lo nesses problemas que não são mais os seus, por que zombar da sua verdade, que se pensou homenagear suficientemente ao fazer-lhe uma saudação ideal? (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 39).

Para Deleuze e Guattari, essa forma de constituição de problemáticas pode abrir perspectivas para compreensão das formas da produção desejante. Os autores colocam que a psicanálise teria cometido um grande equívoco ao estabelecer uma dimensão de representação, no seio de um teatro familiar, de um inconsciente organizado pela castração e que se produziria por meio do mito e do sonho. Assim, no mesmo momento em que se descobria aquilo que é tido pelos autores como uma grande descoberta (a produção desejante), a psicanálise teria falhado por vincular a um teatro antigo a abordagem do que seria o inconsciente produtivo.

Mas, com o Édipo, essa descoberta foi logo ocultada por um novo idealismo: substituiu-se o inconsciente como fábrica por um teatro antigo; substituíram-se as unidades de produção inconsciente pela representação; substituiu-se o inconsciente produtivo por um inconsciente que podia tão somente exprimir-se (o mito, a tragédia, o sonho...) (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 39).

O que estaria em jogo nesta constituição do indivíduo enquanto ser dotado de autonomia e de um lugar específico fundado em seu posicionamento no seio familiar estaria muito além de estabelecer uma gênese que funda as questões do inconsciente, a origem que desflora em atitudes, conflitos e sintomas. Como foi colocado logo de início, para Deleuze e Guattari se trata de um uso que se estabelece a partir da produção expressa pela síntese conectiva das máquinas desejantes. Mais do que isso, trata-se principalmente de quais são os desdobramentos que se desenrolam no âmbito das outras sínteses inconscientes (principalmente a síntese de registro) quando se está diante de um sujeito em que essa “gênese do eu” foi tida como bem sucedida nos termos das categorias edípicas. É o que se torna claro no trecho abaixo no qual os autores pontuam como se daria a interação entre as sínteses tendo-se o complexo de Édipo como superfície organizadora do inconsciente: “Há aí uma triangulação que, em sua essência, implica uma proibição constituinte, e que condiciona a diferenciação das pessoas: proibição do incesto com a mãe e de tomar o lugar do pai” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 98).

Portanto, de acordo com a perspectiva do uso da síntese conectiva é que são estabelecidas as diferenças entre “um uso global e específico” e “um uso parcial e não-específico” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 98). Conforme foi exposto, as sínteses não ocorrem de forma independente, há “reações mútuas” e Deleuze e Guattari não deixam de levar em conta que, no caso do Édipo, a superfície de inscrição da síntese de registro é determinada por uma triangulação fundada em um complexo de castração e pela diferenciação entre aqueles que não podem (dimensão negativa da proibição) ou podem (dimensão positiva da proibição) ser o objeto de investimento libidinal pelo eu fundado. Assim, no uso global e específico da síntese conectiva de produção, “um regime de conjugação de pessoas substitui a conexão dos objetos parciais”, ou seja, “as conexões de máquinas-órgãos próprias à produção desejante são substituídas por uma conjugação de pessoas sob as regras da reprodução familiar” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 100).

Pode-se dizer que um dos questionamentos de Deleuze e Guattari recai sobre a figura desse eu constituído como imagem unificada de um substituto dos objetos parciais, haja vista que essa constatação imediatamente geraria uma triangulação refutada pelos autores pelas regras de conexões binárias e lineares que se dariam entre as máquinas desejantes. Isto faz com que os autores afastem inclusive a tese de um “objeto parcial esquizoide” que seja “reportado a um todo que prepara o advento do objeto completo na fase depressiva” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 101). Busca-se, ao contrário, um modelo que elimine qualquer tipo de triangulação no âmbito da permutação de diferenças. Esta seria, por sua vez, realizada na superfície deslizante do corpo sem órgãos – um elemento antiprodução – não permite que se estabeleça uma representação ou, de forma mais específica, não permite sua constatação enquanto um elemento ausente, dissociado do próprio processo de produção desejante, como o “falo” ou a “lei” da psicanálise.

O único sujeito é o próprio desejo sobre o corpo sem órgãos, enquanto máquina objetos parciais e fluxos, destacando e cortando uns com os outros, passando de um corpo a outro, segundo conexões e apropriações que a cada vez destroem a unidade factícia de um eu possuidor ou proprietário (sexualidade anedipiana) (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 100 e 101).

Nesse sentido, as abordagens psicanalíticas que buscam o reestabelecimento de um eu neurótico naquilo que caracterizaria a sua desterritorialização são fortemente criticadas por Deleuze e Guattari. Conforme exposto, não seria indicado nesse caso a tentativa de reestabelecer o esquizofrênico dentro de problemáticas que são mais as suas. Os autores colocam de forma irônica: “[d]irão que o esquizo não pode mais dizer eu, e que é preciso devolver-lhe essa sagrada função de enunciação” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 39). No entanto, a proposta clínica que se estabelece em O Anti-Édipo, a esquizoanálise, não desenvolve alternativas de um método de

intervenção para o indivíduo psicótico, trata-se, de forma simplificada, de permitir a desterritorialização e a imantação de fluxos de fuga, o que se dá também a partir da fragilidade do “uso global” das sínteses conectivas. Assim, segundo Deleuze e Guattari, “esquizoanálise segue os índices maquínicos de desterritorialização. Há sempre a oposição entre o neurótico no divã, como terra última e estéril, derradeira colônia esgotada, e o esquizo em passeio num circuito desterritorializado” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 419).

Muda-se, assim, o paradigma do que seria a proposta de uma clínica do sofrimento psíquico a partir da própria abordagem da desterritorialização. Para Deleuze e Guattari, a psicanálise falha ao fixar-se nos representantes imaginários e estruturais de reterritorialização enquanto a potência do inconsciente como produção está muito além da forma tradicional, tida como restritiva pelos autores. Isso acaba tornando-se evidente em sua própria constituição da clínica enquanto espaço para se pensar o inconsciente enquanto produção desejante a despeito de qualquer interpretação.

A esquizoanálise renuncia a toda interpretação, porque renuncia deliberadamente a descobrir um material inconsciente: o inconsciente não quer dizer nada. Em contrapartida, o inconsciente faz máquinas, que são as do desejo, e das quais a esquizoanálise descobre o uso e o funcionamento na imanência da relação delas com as máquinas sociais. O inconsciente nada diz, ele maquina. Não é expressivo ou representativo, mas produtivo (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 239).

Seria interessante aqui trazer a colocação de Chaim S. Katz (1991, p. 15) de que a psicose seria “uma das formas de denunciar a ‘saúde’ de nossa ‘normalidade’, e não a indicação da ‘doença’”, ou ainda que “o que nos torna ‘doentes’ é que o sistema quando se fratura, impõe mecanismos reparatórios e includentes, que lhe permitam manter não apenas a coerência teórica como sua violência institucionalizada” (KATZ, 1991, p. 15). Trata-se de uma visão muito útil à conclusão deste artigo sobre a grande contribuição de Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo*, que consistiria em pontuar um horizonte para além das críticas à demarcação do normal/patológico e aos entraves a novas formas de existência que seriam possíveis fora do paradigma da normalidade.

CONCLUSÃO

No âmbito da produção que se insere na máquina social capitalista, Deleuze e Guattari apontam a necessidade de uma mudança no modo de problematização, de forma a trazer para uma dimensão materialista a forma com que, mesmo no caso das fraturas do sistema (a descodificação e desterritorialização dos fluxos), há a possibilidade de se instaurar novos mecanismos complexos de violência, formas a respeito das quais o modelo psicanalítico parece

ter descuidado de elementos importantes, justamente por não ter sido capaz de levar a cabo a sua autocrítica nesse aspecto. Os autores mudam, assim, a percepção de como deve se estabelecer o conflito essencial que funda a clínica do sofrimento psíquico, o reconhecimento do papel da produção desejante, não buscando extrair uma representação que opere em um lugar mítico, mas, observando o uso que se estabelece dessa produção desejante e o que está nele materialmente implícito.

Referências

AULAGNIER, Piera. Observações sobre a estrutura psicótica. IN: KATZ, Chaim. *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São. Paulo: Escuta, 1991, p. 51-74.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo?. In. DELEUZE, Gilles. *A Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006, página inicial e final do capítulo.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010.

KATZ, Chaim. Introdução. IN: KATZ, Chaim. *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São. Paulo: Escuta, 1991, p. 9-16.

LECLAIRE, Serge. Em busca dos princípios para uma psicoterapia das psicoses. IN: KATZ, Chaim. *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São. Paulo: Escuta, 1991, p. 75-124.

SAFATLE, Vladimir. *Para entender Lacan*. Coleção Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2009.

Recebido em 28 de maio de 2022
Aceito em 15 de agosto de 2022



Este artigo está licenciado sob a licença: [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista Psicologia e Transdisciplinaridade.